

---

---

## *A realização dos róticos em coda silábica na cidade de Paranaguá litoral do Paraná*

Adilson do Rosário **TOLEDO** \*

**Resumo:** Esta é uma pesquisa de cunho sociolinguístico em que se procura fazer o estudo da realização dos róticos na cidade de Paranaguá, litoral do Paraná. Para se proceder a um estudo mais completo sobre esse tema, trabalhamos em três frentes distintas: crenças e atitudes, análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos na produção dos róticos em coda silábica externa e os contextos de uso entre as formas retroflexa, velar, glotal, alveolar e tepe.

**Palavras-chave:** Sistema; Róticos; Crenças e atitudes.

**Abstract:** This paper is a sociolinguistic work in that we plan study the realization of rotics in Paranaguá town, state of Paraná. To proceed a more complete research about this subject we've worked in three distinct fronts: belief and attitude, linguistic and extralinguistic factors involved in rotics production in external syllable coda and context of use between retroflex, velar, glottal, alveolar and tepe forms of rotics.

**Keywords:** System; Rotics; Belief and attitude.

### **Introdução**

A realização do /R/ pós-vocálico (róticos) no Brasil está condicionada por fatores sociais e associada a contextos linguísticos

---

\* Doutorando em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Professor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Paranaguá. Contato: adrosario@ibest.com.br.

determinados como a estrutura do segmento em que o rótico ocorre e o acento. De qualquer maneira, existe um padrão sistemático de uso dos róticos. Partimos do pressuposto que o falante realiza o rótico de forma inconsciente.

Existem diversas maneiras de realização dos róticos no português falado no Brasil:

[ɽ] retroflexo (vibrante, alveolar)

[r] tepe

[h] glotal (faringal)

[hʔ] glotal sonora

[x] velar (vibrante velar)

[xʔ] velar sonora

[r] alveolar

[Ø] zero fonético

De maneira geral, o /R/ pode aparecer em diversos contextos como início de palavra (rato), início de sílaba interna (pirata), trava silábica (problema), coda silábica interna (porta) ou externa (correr), contextos de um grupo de força caracterizando um vocábulo fonológico (utilizando terminologia matosiana, correr-rápido, pôr-o-boné).

Dentre todas estas situações, as condições mais salientes de variação estão na realização dos róticos em contextos de coda silábica. Por este motivo, no presente estudo, optamos por pesquisar a realização dos róticos em coda silábica.

Também é comum atribuir-se ao falar paranaense no que respeita à realização dos róticos nesta condição a aproximação ao dialeto paulista, caracterizando o bem conhecido /R/ caipira. A pesquisa ora desenvolvida na região litorânea do Paraná (mais precisamente na cidade de Paranaguá) discute o assunto levando em conta aspectos linguísticos e extralinguísticos.

## **1 Objetivos, metodologia e coleta de dados.**

Estabelecidas a variável e suas variantes a serem pesquisadas, e a localidade para coleta de dados, estipulamos para a pesquisa os seguintes objetivos:

1. Avaliar as crenças e atitudes dos falantes em relação a estereótipos, indicadores e marcadores (SILVA-CORVALÁN, 1989) na utilização dos róticos;
2. Registrar as variantes do /R/ em coda silábica interna e externa nas condições mencionadas;
3. Descrever as variantes coletadas;
4. Analisar e interpretar os dados sob os modelos da sociolinguística qualitativa e quantitativa (LABOV, 1972);
5. Caracterizar o rótico realizado no litoral do Paraná (Paranaguá).

Metodologicamente, seguimos as orientações de Silva-Corvalán (1989) e Labov (1972). Para a coleta de dados exigimos de nosso informante o seguinte perfil:

- a) Urbano, morador do local de origem e que dele não tenha se afastado por longos anos;
- b) Faixa etária: mínimo de 15 e máximo de 75 anos;
- c) Escolaridade: no máximo, ensino médio completo; mínimo, ensino fundamental;
- d) Sexo: masculino e feminino.

Para assegurar um parâmetro de controle e com o intuito de analisar atitudes, crenças, formação de estereótipos, marcadores e indicadores, estipulamos quatro (dois homens e duas mulheres) informantes não nascidos na região pesquisada, mas moradores no local. A amostra ficou constituída de seis nativos (3 homens + 3 mulheres), quatro migrantes de duas regiões diferentes (2 homens + 2 mulheres). Mais especificamente, nesta pesquisa desenvolvida em Paranaguá, foram selecionados seis parnanguaras (3 homens e 3 mulheres), dois cariocas (um homem e uma mulher), dois potiguares (um homem e uma mulher) moradores na região há mais de dois anos. Num quadro, teríamos a distribuição dos informantes de acordo com as variáveis extralinguísticas:

Idade	Ensino fundamental		Ensino médio	
15 a 30	1	0	1+1	1+1+1
31 a 45	0	0	1	1
46 a 75	1	1	0	0
Sexo	M	H	M	H

Quadro 1

Devido ao tempo disponível, porém, não foi possível constituir uma amostra homogênea, como bem o demonstra o quadro 1. Embora haja dificuldades para formular resultados quantitativos conclusivos sobre, por exemplo, a prevalência do fator sexo ou escolaridade ou idade sobre a realização dos róticos em coda silábica, algumas abstrações podem ser feitas. Os comentários se encontram nas seções seguintes.

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados as orientações presentes em Aguilera (1996) e nos questionários do Comitê do Projeto ALiB (2001). Nosso inquérito ficou constituído de:

- a) Questionário introdutório para adaptação do informante: entrevista estruturada;
- b) Questionário de crenças e atitudes para julgamento dos falares: conversação dirigida;
- c) Narrativas de caráter espontâneo e pessoal: conversação livre;
- d) Questionário fonético-fonológico: conversação controlada;
- e) Leitura de textos;
- f) Interpretação de fotos/figuras.

Os instrumentos de pesquisa utilizados neste trabalho estão à disposição para consultas.

## 2 Análise dos dados

### 2.1 Sobre os dados

As entrevistas foram feitas em minigravador Sony VAS. As conversas foram transcritas. As ocorrências de róticos foram selecionadas e encontram-se disponíveis.

Os informantes foram estratificados socialmente de acordo com o que segue:

**Grupo 1:** dois informantes potiguares (homem/mulher), faixa etária 1 (15 – 30), escolaridade máxima de ensino médio. Total de ocorrências: 161;

**Grupo 2:** dois informantes cariocas (homem/mulher), faixa etária 1 (15 – 30), escolaridade máxima de ensino médio. Total de ocorrências: 120;

**Grupo 3:** seis informantes parnanguaras (3 homens/3 mulheres), faixas etárias 1 (15 – 30), 2 (31 – 45), 3 (46 – 75), escolaridade máxima de ensino médio. Total de ocorrências: 380.

As ocorrências na forma de porcentagem e separadas por grupos segundo a origem são as seguintes: <sup>1</sup>

Róticos	Velar		Retroflexo		Apagamento		Tepe	
Grupo 1	52 =	41 =	16 =	4 =	39 =	9 =	-	-
	48,60%	75,93%	14,95%	7,41%	36,45%	16,67%		
Grupo 2	50 =	48 =	1 =	3 =	4 =	14 =	-	-
	90,90%	73,85%	1,82%	4,62%	7,27%	21,54%		
Grupo 3	-	-	181 =	151 =	24 =	22 =	1 =	1 =
			87,86%	86,78%	11,65%	12,64%	0,49%	0,57%
	H	M	H	M	H	M	H	M

Quadro 2

<sup>1</sup> Grupo = 1- potiguares, 2-cariocas, 3- parnanguaras; H- homem, M- mulher.

Os totais dos seis informantes do grupo III são os seguintes:

Faixa Etária	Retroflexo		Apagamento		Tepe	
	3	56 = 88,89%	48 = 84,21%	7 = 11,11%	9 = 15,79%	-
2	65 = 85,53%	55 = 85,94%	10 = 13,16%	8 = 12,50%	1 = 1,32%	1 = 1,56%
1	60 = 89,55%	48 = 90,57%	7 = 10,95%	5 = 9,43%	-	-
	H	M	H	M	H	M

**Quadro 3**

### 2.2 Sobre crenças e atitudes

Segundo López Morales (1993), crenças e atitudes são valores que se constituem independentemente. As atitudes se compõem do traço afetivo; as crenças se compõem dos traços cognoscitivo e comportamental. As crenças são proporcionadas pela consciência linguística que o indivíduo possui sobre sua língua. As atitudes implicam meramente aceitação ou não de alguma coisa e, por sua vez, só podem ser avaliadas positivamente ou negativamente pela reação mediante determinados fatos.

De modo geral, ainda de acordo com López Morales (1993), a assunção de uma crença leva a uma tomada de atitude que colabora para a aceitação ou não de um fato. Como consequência disso, em termos de linguagem humana como fato social, o desenvolvimento de um conjunto de crenças e atitudes influenciam na implementação da variação linguística, no aprendizado de línguas, na manifestação da discriminação linguística.

Com o intuito de atestarmos as crenças e atitudes em relação aos fatos linguísticos referentes a esta pesquisa, formulamos uma série de perguntas sobre o assunto. As perguntas foram:

### **I. O parnanguara fala melhor ou pior que outras pessoas que vieram de outros lugares?**

Dos dez informantes, seis disseram que não há diferença ((a) a (f), abaixo), três disseram que melhor ((g) a (i), abaixo) e um se desviou da questão. É interessante notar que nas faixas etárias 1 (15 a 30) e 2 (31 a 45) a tendência é a não distinção dos falares. Entre os mais velhos, talvez pelo seu conservadorismo, percebe-se mais resistência ao novo ou ao diferente. Para estes, que são parnanguaras, quem fala melhor é o local e quem fala pior são os nordestinos. É interessante notar, também, que os dois nordestinos compartilham desta opinião.

- (a) cada um tem a sua maneira de falar (4).<sup>2</sup>
- (b) cada um tem um sotaque, fala de uma maneira (7).
- (c) acho que não tem diferença. Cada região tem seu sotaque (8).
- (d) eu não diferencio (5).
- (e) tudo vai de cada um (1).
- (f) todos são iguais mesmo (10).
- (g) acho que o parnanguara fala melhor, né (3)
- (h) ah, o parnanguara fala melhor (6).
- (i) melhor. Melhor do que a gente lá, nordestino (9).

### **II. Dos que vieram de outros lugares do Brasil, quem fala melhor (e quem fala pior)?**

Para melhor as respostas obtidas foram as seguintes:

- (j) Carioca (2).
- (k) acho que o carioca (3).
- (l) o paranaense (4).
- (m) curitibano (6).
- (n) carioca e paulista (8).

---

<sup>2</sup> Número do informante na pesquisa.

Para pior, as respostas foram as seguintes:

- (o) olha, eu não conheço tanta gente, mas a nossa parte aqui ela leva uma desvantagem enorme. A nossa parte que eu digo, eu me refiro assim é o nordestino (1).
- (p) baiano (2).
- (q) baiano, pernambucano (3)
- (r) catarina (4).
- (s) acho que o nor ... nordestino (6)
- (t) acho que o pessoal do nordeste (7).
- (u) fala pior não ... mas eu acho que são os nordestinos (8)
- (v) acho que é o nordestino (9).

Quanto à questão de falar melhor, nota-se que os cariocas têm elevada autoestima e gostam do seu dialeto, como disse um dos informantes:

- (w) a gente fala arrastando o erre, esse com som de xis, essas coisas. Parnanguara fala cantando, né (2).

Ao contrário, os nordestinos têm baixa auto estima como fica atestado entre os nordestinos de (o) e (v).

Os parnanguaras também aceitam seu dialeto normalmente, mas também aceitam o dialeto carioca e o dialeto paulista. O falar nordestino também é estigmatizado pelos demais. Parece que a regra que surge é a seguinte: melhor dialeto, de acordo com minha autoestima, é aquele que eu falo; o pior é o do outro. A grande maioria (7 em 10) concorda que o originário do nordeste fala pior (ou no mínimo, fala diferente daquilo que lhe é peculiar).

Entre os dois informantes migrantes dessa região existe tal crença. E essa crença gera a atitude discriminatória em relação aos daquela região e o estereótipo do 'falante nordestino'. Transparece nas entrevistas que a distinção entre melhor e pior está ligada ao maior ou menor domínio do dialeto padrão ('falta de informação', como alega o informante 1) e ao desnível social das regiões, o que leva à baixa autoestima.

### III. Homem e mulher falam igual? Quem fala melhor?

Oito em dez informantes acham que homens e mulheres não falam igual. Em relação aos oito que encontram alguma diferença no falar do homem e da mulher, três acham que a mulher fala melhor (1, 3, 4), dois acham que o homem fala melhor (6, 8) e os demais não escolheram. Isto comprova a percepção da característica mais conservadora da mulher no trato com a língua.

- (x) mas eu acho que a mulher capricha mais (1).
- (y) acho que a mulher fala melhor (3).
- (z) mulher... a maioria delas são mais cultas que os homens (4).
- (aa) em geral acho que os homens (6).
- (ab) acho que os homens se sobressaem um pouco (8).

### IV. Jovens e velhos falam igual? Quem fala melhor?

Nesta questão, a resposta foi unânime: jovens e velhos não falam igual. Sete informantes acham que os mais velhos falam melhor porque dominam a forma culta e falam menos gírias. Esta é a opinião dominante entre os mais jovens. Parece que o uso de gíria está relacionado à má utilização da língua. É interessante notar, por outro lado, que os mais velhos acham que os mais jovens é que falam melhor, pelo maior contato com a escola, que se acredita divulgadora do padrão culto:

- (ac) eu acho que os idosos tomam mais cuidado. Os jovens é uma porcaria (1).
- (ad) acho que os velhos. Porque eles não falam gírias (2).
- (ae) acho que os jovens falam melhor, né. O mais velho perde o tom de voz, perde o timbre (3).
- (af) os velhos. Os jovens usam mais gírias (4).
- (ag) quem fala melhor, eu vô dize assim que é os velhos. Os jovens têm muita gíria (5).
- (ah) os jovens. Porque eles são mais instruídos (6).
- (ai) falam melhor os mais velhos, né. (7).
- (aj) os jovens de hoje falam melhor. Porque são melhor instruídos (8).

(ak) os jovens têm outra linguagem, né. Têm mais gírias. As pessoas idosas não (9).

(al) acho que o jovem tem jeito mais malandro de falar e o velho é assim mais carinhoso (10).

Fica claro, através das entrevistas, que as crenças que se constroem sobre um povo ou sobre um grupo social ou mesmo sobre uma comunidade ou uma pessoa, contribuem para justificar certas atitudes discriminatórias. Tais crenças em nível linguístico se refletem na formação de estereótipos, marcadores e indicadores de mais ou menos prestígio que se sedimentam inconscientemente gerando, muitas vezes, estigmatização.

Em relação ao uso dos róticos, na amostra analisada, percebe-se o /R/ retroflexo para os parnanguaras como um indicador, pois não apresenta estratificação situacional ou estilística, distribui-se entre todos os segmentos da comunidade e seu uso é inconsciente. Todos os parnanguaras usam o /R/ retroflexo; fazem o apagamento em final de palavra, mas não usam as demais variantes. Para os cariocas e potiguares, o /R/ retroflexo parece soar marcado estilisticamente em contraste com o seu /R/ velar, mas não parece um estereótipo do parnanguara, assim como o é o /R/ velar para o carioca. Por outro lado, o /R/ velar falado pelo potiguar parece ser um indicador da fala potiguar, mas não um estereótipo. Tanto que os potiguares produzem mais o /R/ retroflexo que os cariocas. Os cariocas parecem ter consciência de seu /R/, o aceitam, reconhecem-no socialmente e procuram preservá-lo mais (como ocorre em (w)).

Estas atitudes frente a uma forma linguística, além de propiciar a sedimentação em relação a indicadores, marcadores e estereótipos, podem ser germe de variação e mudança, como afirma Lucchesi (2004).

### *2.3 Sobre a realização dos róticos*

Convém ressaltar que os dados a serem analisados representam as realizações obtidas em 10 entrevistas feitas sob as

condições descritas anteriormente e não constituem uma amostra homogênea e com um número suficiente de informantes para uma pesquisa quantitativa conclusiva nos moldes labovianos. Apesar disso, no tempo disponível e nos recursos despendidos, algumas observações relevantes podem ser retiradas das 661 ocorrências.

As variantes da variável dependente que apareceram nas 661 ocorrências de róticos, ficaram distribuídas entre [ɾ], [r], [x], [Ø] ou seja, retroflexo, tepe, velar e apagamento (zero fonético).

1. Observa-se que o apagamento ocorre nos três grupos indistintamente (48 = 29,81% de ocorrências no grupo 1; 18 = 15,00% no grupo 2; 46 = 12,11% no grupo 3), sempre em coda silábica externa. Na quase totalidade das ocorrências, o apagamento se dá em contexto verbal de infinitivo, seja numa locução (vai fazê, tenta buscá, fô contá, deve falá), seja mesmo num verbo usado em sua forma infinitiva (varrê, botá, engrossá). Não se pode dizer, a partir dos dados, que o apagamento esteja ligado à situação social dos informantes. Por outro lado, em relação ao apagamento *versus* não apagamento do rótico nas ocorrências obtidas por meio do questionário fonético-fonológico e na leitura dirigida de texto leva a crer que este fenômeno esteja ligado às questões de escolaridade e técnica de coleta de dados empregada (QFF, leitura de texto, decodificação de figura). Em situações mais formais, os mais escolarizados tendem a preservar o uso do rótico. A partir dos dados, os potiguares apagam mais.

Mesmo num *corpus* tão pequeno de dados, e sem a ousadia de querer fazer comparações, seria interessante tomar como base de apoio a realização do /R/ pós-vocálico apresentado em Labov (1972) na cidade de Nova Iorque.<sup>3</sup> Segundo Labov, o dialeto novaiorquino originalmente sem r (por exemplo, 'caØ' para 'car'), está em processo de mudança para a realização do r como forma de

---

<sup>3</sup> The social Stratification of (r) in New York City Department Stores (LABOV, 1972).

prestígio do inglês americano. Guy e Zilles (2007, p. 48), reportando o referido trabalho de Labov, afirmam que

[...] o uso de realizações consonantais de /r/ pós-vocálico em Nova York é nitidamente estratificado por classe social, ajustado a cada situação de acordo com o estilo de fala, e condicionado por aspectos do contexto lingüístico como acento e segmento seguinte. Estes padrões são altamente sistemáticos em todos os grupos sociais. [...] Os grupos de classes mais altas usam mais /r/ em todas as ocasiões, e todos usam mais /r/ em seus estilos mais formais.

Vamos imaginar o efeito da escolaridade (ao invés da classe social, como no estudo de Labov) controlando o apagamento versus não apagamento da realização do rótico em final de palavra: os grupos mais escolarizados tenderiam a usar mais /r/ que os grupos menos escolarizados; todos usariam mais /r/ em estilos mais formais. É realmente o que se observa.<sup>4</sup>

2. Em contrapartida, a oposição entre os usos de [ɾ] e [x] se mostrou mais relevante (forma retroflexa *versus* forma velarizada). Vejamos com mais detalhes as relações linguístico-estruturais e as relações sociais para o uso de uma forma ou de outra. De maneira geral, informantes do grupo I e do grupo II fazem uso generalizado de [ɾ], o que demonstra uma característica regional do carioca e do potiguar. Eventualmente usam a forma [x]. Neste caso, nota-se que os informantes migrantes residindo mais tempo no local produziram um pouco mais a forma retroflexa (12,41% para os potiguares; 3,33% para os cariocas). Por outro lado, todos os informantes do grupo III usam [x], embora este uso diferencie-se sutilmente do [ɾ] dito paulista.

---

<sup>4</sup> Nas 661 ocorrências.

Os fatores linguístico-estruturais que mais se mostraram relevantes (em princípio) para traçarmos os perfis de ocorrência de [ɾ] e [x] foram tipo de coda silábica (interna ou externa), natureza do segmento seguinte à coda silábica externa, caráter surdo ou sonoro do segmento seguinte em coda silábica interna, tonicidade do segmento que contém a variante, classificação morfológica do segmento que contém a variante, modo e zona de articulação do segmento seguinte em coda silábica interna, vogal precedente, zona de articulação da vogal precedente; como fatores sociais foram analisados a faixa etária e a escolaridade, e já foram discutidos anteriormente.

Como também mencionado anteriormente, de maneira geral, os informantes do grupo I e do grupo II fazem uso generalizado de [ɾ], o que demonstra a tendência da característica regional do falar potiguar e carioca; eventualmente utilizam [x]. Neste caso, nota-se que os informantes migrantes residindo há mais tempo no local produziram um pouco mais a forma retroflexa.

2.1 O tipo de coda silábica (interna ou externa) não se mostrou eficiente para direcionar o uso dos róticos:

	CI <sup>5</sup>	CE	CI	CE
Grupo I	42,99%	57,01%	68,52%	31,48%
Grupo II	60,00%	40,00%	44,62%	55,38%
Grupo III	46,07%	53,94%	58,74%	41,26%
	Homem		Mulher	

**Quadro 4**

2.2. Em coda silábica interna, o contexto seguinte será sempre consonantal. Em coda silábica externa o contexto seguinte pode ser de consoante, vogal ou pausa; neste caso, observou-se

<sup>5</sup> CI/CE: coda silábica interna ou externa.

maior ocorrência de rótico seguido de consoante, em virtude da natureza do próprio instrumento de pesquisa:

<b>Informante</b>	<b>Consoante (%)</b>	<b>Vogal (%)</b>	<b>Pausa (%)</b>
1	66,36	16,82	16,82
2	67,27	9,09	23,64
3	71,43	12,70	15,87
4	67,92	7,55	24,53
5	64,18	14,93	20,90
6	68,42	8,77	22,81
7	68,75	10,94	20,31
8	73,68	11,84	14,47
9	74,07	3,70	22,22
10	64,62	16,92	18,46
<b>Total</b>	<b>68,67</b>	<b>11,33</b>	<b>20,00</b>

**Quadro 5**

2.3. Em coda silábica interna verificamos a frequência de uso do caráter surdo (/p/, /t/, /k/, /f/, /s/, /ʃ/) em relação ao sonoro (os demais) do segmento seguinte: encontrou-se cerca de 64,50% de traços sonoros para 35,50% de traços surdos. Isto não indica a prevalência de uma forma em relação à outra, mas que, devido à configuração do quadro fonético da língua portuguesa no Brasil, há mais traços sonoros e maior possibilidade de ocorrência desses fonemas. Por outro lado, o QFF e o texto utilizado na coleta de dados levou a esta possibilidade.

---

---

Informante	Sonoro (%)	Surdo (%)
1	59,57%	40,43%
2	70,97%	29,03%
3	61,54%	38,46
4	66,66	33,34
5	62,50	37,50
6	68,75	31,25
7	70,27	29,72
8	58,54	41,46
9	64,86	35,14
10	62,07	37,93
Total	64,57	35,43

**Quadro 6**

2.4. Quanto à tonicidade do segmento que contém a variante: os segmentos variantes se encontram mais em sílaba tônica (65,90%).

Informante	Tônica (%)	Átona (%)
1	66,36	33,64
2	67,27	32,73
3	65,08	34,92
4	60,38	39,62
5	67,16	32,84
6	63,16	36,84
7	62,50	37,50
8	67,10	32,89
9	64,81	35,19
10	75,38	24,62
Total	65,90	24,62

**Quadro 7**

2.5. Classificação morfológica do segmento que contém a variante: na amostra analisada, o rótico aconteceu mais em substantivos (46,70%), seguido de verbos (29,81%).

Informante	V <sup>6</sup> (%)	S (%)	P (%)	C (%)	D (%)	A (%)	M (%)	N (%)
1	35,51	43,92	5,61	2,80	3,74	6,54	1,89	-
2	25,45	56,36	1,82	-	1,82	12,73	-	1,82
3	26,98	50,79	1,59	3,17	9,52	7,94	-	-
4	24,53	52,83	1,89	1,89	5,66	11,32	-	1,89
5	31,34	40,30	1,49	4,48	13,43	8,96	-	-
6	26,32	49,12	1,75	1,75	3,51	17,54	-	-
7	28,13	48,44	1,56	-	6,25	15,62	-	-
8	28,95	39,47	5,26	5,26	7,89	13,16	-	-
9	27,78	51,85	-	1,85	7,41	11,11	-	-
10	43,08	33,84	1,54	1,54	6,15	1,38	-	-
Total	29,81	46,69	2,25	2,27	6,54	10,63	0,19	0,37

**Quadro 8**

2.6. Modo de articulação do segmento seguinte em coda silábica interna: verificação se o segmento seguinte é oclusivo (/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g) ou construtivo (os demais). Encontrou-se 80,32% de segmento seguinte oclusivo.

Informante	Oclusivo (%)	Construtivo (%)
1	85,11	14,89
2	80,65	19,35
3	75,00	25,00
4	81,82	18,18
5	84,38	15,63
6	83,87	16,13
7	78,38	21,62
8	80,49	19,51
9	81,08	18,92
10	72,41	27,59
Total	80,32	19,68

**Quadro 9**

<sup>6</sup> V=verbo, S=substantivo, P=preposição, C=conjunção, D=advérbio, A=adjetivo, M=pronome, N=numeral.

2.7. Zona de articulação do segmento seguinte em coda silábica: observou-se maior ocorrência de traço linguodental (49,39% - /s/, /z/, /t/, /d/).

Informante	@ <sup>7</sup> (%)	# (%)	\$ (%)	% (%)	& (%)	! (%)
1	19,15	55,32	4,26	8,51	-	12,77
2	25,81	41,94	3,23	25,81	-	3,23
3	17,50	52,50	10,00	12,50	-	7,50
4	27,27	45,45	3,03	15,15	-	9,09
5	21,88	50,00	3,12	15,63	-	4,38
6	21,88	43,75	3,13	21,88	-	9,38
7	21,62	51,35	2,70	13,51	-	10,81
8	19,51	51,22	4,88	9,76	-	14,63
9	16,22	54,05	8,11	13,51	-	8,11
10	24,14	48,27	6,90	10,34	3,44	6,90
Total	21,50	49,39	4,94	14,66	0,34	8,68

**Quadro 10**

2.8. Vogal precedente: foi analisado o caráter alto ou baixo da vogal precedente. De qualquer forma obteve-se o resultado de 50% para cada fator.

Informante	Alta (%)	Baixa (%)
1	53,27	46,73
2	41,82	58,18
3	46,03	53,97
4	56,60	43,40
5	55,22	44,78
6	54,39	45,61
7	48,44	51,56
8	55,26	44,74
9	44,44	55,55
10	44,62	55,38
Total	50,00	50,00

**Quadro 11**

<sup>7</sup> @=bilabial, #=linguodental, \$=labiodental, %=alveolar, &=palatal, !=velar.

2.9 Zona de articulação da vogal precedente: quanto a este critério, houve mais ocorrências de vogais posteriores (40,17%), ficando as vogais anteriores com 31,85% e a central com 27,98%.

Informante	Central (%)	Posterior (%)	Anterior (%)
1	30,84	40,19	28,97
2	34,55	34,55	30,91
3	22,22	44,44	33,33
4	24,53	41,51	33,96
5	20,90	44,78	34,33
6	29,82	42,10	28,07
7	29,69	37,50	32,81
8	25,00	46,05	28,95
9	31,48	35,19	33,33
10	30,77	35,38	33,85
Total	27,98	40,17	31,85

Quadro 12

### Conclusão

A partir desta pesquisa, algumas conclusões podem ser obtidas. Em primeiro lugar, parece que, para um melhor e mais completo estudo sobre o uso dos róticos, deve-se trabalhar em três frentes distintas, porém complementares: crenças e atitudes que levam à formação de estereótipos, indicadores e marcadores; verificação de quais (ou se) fatores internos ou externos à língua atuam na relação de apagamento *versus* não apagamento dos róticos em coda silábica externa; verificar as relações internas e externas ao sistema linguístico que privilegiam o uso de uma forma de rótico, ou seja, as relações de uso entre as formas retroflexa, velar, glotal, alveolar e tepe.

Mas, especificamente para o momento, em relação à amostra obtida de 2 informantes cariocas, 2 potiguares e 6 parnanguaras, podemos dizer que:

- a. O apagamento do rótico em coda silábica externa, seja ele velar ou retroflexo, parece estar relacionado ao nível de escolaridade e ao contexto de uso: indivíduos mais escolarizados e os contextos de uso mais formais tendem à conservação do rótico em coda silábica externa;
- b. A realização dos róticos parnanguaras se caracteriza por condições histórico-culturais e geográficas peculiares, fruto da colonização e ocupação do território litorâneo desde 1550. Por este motivo, pode-se presumir que o rótico parnanguara se distingue daquele utilizado por outras regiões paranaenses, marcadamente com características paulistas;
- c. Observou-se a tendência entre os potiguares de desvalorizar seu dialeto, diferentemente dos cariocas;
- d. Os informantes jovens acham que os velhos falam melhor porque são conservadores (não falam gírias); os informantes mais velhos acham que os jovens falam melhor (têm mais acesso à instrução);
- e. Os informantes jovens e de idade média tendem a não distinguir os dialetos em termos de valor (melhor ou pior). Para eles, o falar é uma característica intrínseca ao grupo a que se pertence;
- f. Não se pode concluir com precisão, a partir dos dados, que algum fator linguístico esteja influenciando no maior ou menor uso de um rótico em detrimento de outro. Pode-se supor, porém, no caso específico desta pesquisa, que o tipo de coda silábica (interna ou externa), a natureza do segmento seguinte à coda (vogal, consoante ou pausa <sup>8</sup>), o caráter surdo ou sonoro do segmento seguinte à coda, <sup>9</sup> a tonicidade do segmento que contém a variante, <sup>10</sup> vogal precedente e zona de articulação da vogal precedente, não

---

<sup>8</sup> Neste caso específico do segmento seguinte à coda, a pausa ocorreu mais nas codas silábicas externas, principalmente por causa do QFF. Se formos computar as codas silábicas internas, que por sua natureza são sempre seguidas de consoante, o segmento consonantal chega a 68%.

<sup>9</sup> Embora apareça mais o traço sonoro (64%).

<sup>10</sup> Embora o fenômeno de uso de rótico apareça mais nas tônicas (65,9%).

são fatores determinantes na realização dos róticos. Chamam atenção as informações sobre o modo de articulação (80% para oclusivo) e zona de articulação (49% para o traço linguodental) do segmento seguinte em coda silábica interna. Todas estas informações precisariam de uma pesquisa mais exaustiva para a obtenção de dados conclusivos.

### Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Apresentação. Londrina: Eduel, 1996.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). **Atlas lingüístico do Brasil**: questionários. Londrina: Eduel, 2001.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolingüística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística** 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (Orgs.) **Introdução à Sociolingüística**. O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística** – teoria y analisis. Madri: Alhambra, 1989.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolingüística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Lingüística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.